

MOORE, KENNETH RYCE (ED.). *BRILL'S COMPANION TO THE RECEPTION OF ALEXANDER THE GREAT*. LEIDEN/BOSTON: BRILL, 2018.

Thiago do Amaral Biazotto¹

Palavras-chave

Alexandre Magno; Recepções da Antiguidade Clássica; História Antiga.

Parte da conhecida série 'Brill's Companions', *Brill's Companion to the Reception of Alexander the Great* foi publicado 2018, e editado por Kenneth Moore, professor sênior em história das ideias na Teesside University. O volume possui 33 capítulos, que lidam com uma vasta gama de temas, focados na recepção de Alexandre ao longo da história: dos autores antigos à arte helenística, da historiografia moderna ao cinema. O trabalho é dividido em três partes: "Ancient Greek, Roman and Persian Receptions", "Later Receptions in the Near- and Far-East and the Romance Tradition", e "'Modern' and Postmodern Receptions".

O prefácio, escrito pelo editor, explica que mesmo as mais famosas fontes literárias para o estudo de Alexandre – Diodoro, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano – podem ser interpretadas como recepções, uma vez que foram escritas de 300 a 500 anos após a morte de Alexandre, e, mais importante, são "produtos de seu próprio contexto histórico e cultural" (p. xix) ². Ademais, Moore enfatiza que a escolha dos autores pretende abrigar um vasto conjunto de nomes, de acadêmicos de renome internacional a doutores recém-titulados, buscando "fornecer uma nova perspectiva" (p. xx).

A parte 1 começa com "Framing the Debate", novamente de Moore. O objetivo do capítulo é examinar três episódios específicos da carreira de Alexandre, o assassinato de Filipe II (336 a.C.), o arrasamento de Tebas por Alexandre (335 a.C.) e o destino de Calístenes de Olinto (327 a.C.), a fim de mostrar os principais problemas relacionados à transmissão textual desses eventos (p. 4). Usando uma abordagem tradicional, a crítica textual alemã das fontes (*Quellenforschung*), juntamente com uma análise historiográfica, Moore nega a culpa de Alexander em todos os episódios.

¹ Doutorando, Universidade Estadual de Campinas

² Para os originais em inglês, consultar a versão em inglês desta resenha.

“Attic Orators on Alexander the Great” é escrito por Elias Koulakiotis, professor assistente da Universidade de Ioannina. Examinando os trabalhos de Pseudo-Demóstenes, Demóstenes e Ésquines, Koulakiotis procura mostrar as interpretações desses oradores sobre os assuntos de Alexandre concernentes à Grécia e a Atenas. A conclusão perspicaz de Koulakiotis é que a "maior preocupação dos oradores áticos não se aplica ao indivíduo Alexandre, mas à estilização da figura de líder e conquistador como um arquétipo" (p. 62). Assim, Demóstenes viu Alexandre como uma ameaça ao regime democrático de Atenas, uma vez que os atos do conquistador subvertem as "estruturas e valores políticos e sociais tradicionais" (p. 63). Já para Ésquines, Alexander "representou o protótipo positivo de um novo tipo de cidadão: (...) o homem perfeito (que) percebe o sistema de valores da pólis" (p. 62).

“The Reception of Alexander’s Father Philip II of Macedon”, de Sabine Müller, professora da Universidade de Marburg, é o terceiro capítulo. A contribuição de Müller é demonstrar as mudanças na imagem de Filipe durante o período clássico. Começando com uma visão positiva, visto como um "verdadeiro governante macedônio", ao contrário da "política persa" de seu filho, Filipe lentamente desaparece na sombra de Alexandre, e seu principal papel passa a ser o de apoiar a grandeza do conquistador. De certa forma, essa situação continua até os dias de hoje, de modo que a conclusão central do capítulo é: “mesmo quando Filipe foi tratado por si próprio, o assunto de Alexandre estava implícito e não pôde ser evitado. Assim, independentemente da imagem de Filipe, o rótulo de "pai de Alexandre, o Grande" estava impresso de forma indelével na memória cultural "(p. 91).

“The Reception of Alexander in the Ptolemaic Dynasty” é o título do capítulo de John Holton, professor na Universidade de Newcastle. Seu principal objetivo é "explorar o papel de Alexandre na autoformação ideológica dos monarcas ptolomaicos", usando como fonte principal o décimo sétimo idílio de Teócrito, escrito c. 270 a.C., e dirigido a Ptolomeu II Filadelfo (p. 98). Entre outros assuntos, o poema mostra Ptolomeu I, Alexandre e Hércules como ancestrais da linhagem ptolomaica, reforçando o passado glorioso da dinastia e criando uma visão positiva dos feitos de Alexandre (p.115).

“Alexander after Alexander: Macedonian Propaganda and Historical Memory in Ptolemy and Aristobulus’ Writings” foi escrito por Giuseppe Squillace, professor associado da Universidade da Calábria. Ptolomeu e Aristóbulo seguiram Alexander na campanha asiática, fornecendo um "argumento da autoridade" para seus escritos. No entanto, eles não imunes à "fabricação de propaganda", como Squillace mostra no episódio do nó

górdio, registrado por Arriano, principal colecionador dos fragmentos de Ptolomeu e Aristóbulo (p. 126).

Olga Palagia, professora de arqueologia clássica, Emérita, da National and Kapodistrian University of Athens, é autora de "The Reception of Alexander in Hellenistic Art". O estudo trata dos retratos do conquistador no período helenístico. Palagia divide suas fontes em dois grupos: "os criados durante a vida de Alexandre e seus contemporâneos (c. 323 - 280 a. C.) e aqueles feitos depois que toda a memória viva do conquistador havia cessado (c. 280 - 30 a.C.)" (p. 141) Em geral, os primeiros tendem a ser mais "realistas" e os últimos mais "idealizados", como mostra Palagia ao longo de seu estudo. Assim, conclui: "sua imagem em evolução (de Alexandre) passou do realismo ao rejuvenescimento e deificação sem perder seu apelo como a personificação do jovem herói conquistador (p. 159).

"Metalexandron: Receptions of Alexander in the Hellenistic and Roman Worlds" é a contribuição de Shane Wallace, professor no Trinity College Dublin, e explora três aspectos da recepção de Alexandre: "alegações inventadas ou falsas de contato com Alexandre; recepção local em três cidades: Éfeso, Ílium e Roma e a sobrevivência cultos a Alexandre do século III a.C. ao século III d.C." (p. 163). Cruzando os resultados desses tópicos, Wallace conclui que as recepções de Alexander tendem a ser "localmente fundamentadas" e "frequentemente operadas dentro do repertório de técnicas que um governante possuía para se envolver com uma cidade ou comunidade em questão" (p. 188).

"Alexander between Rome and Persia: Politics, Ideology, and History", de Jake Nabel, graduado pela Cornell University, é o próximo capítulo. Devido à rivalidade entre romanos e sassânidas, algumas fontes iranianas descrevem Alexandre como "o César de Roma" (p. 205). Portanto, os textos zoroástricos costumam ser hostis à imagem de Alexandre (p. 206). Os romanos, por sua vez, também se apresentaram como sucessores de Alexandre, especialmente quando lutavam contra os povos da Ásia, assim, conclui Nabel, "a memória do macedônio nunca era estática ou incontestada, e seu reinado sempre seria avaliado de várias formas" (p. 224).

"Sons of Heracles: Antony and Alexander in the Late Republic" é de Kyle Erickson, diretor da Escola de Clássicos da University of Wales. Para Erickson, é possível fazer uma analogia entre o macedônio e o romano, pois ambos "olharam para as origens familiares divinas e, ao longo de suas vidas, se ligaram a Hércules e Dioniso" (p. 271). No entanto, a *imitatio Alexandri* de Antônio não foi totalmente bem-sucedida, pois suas tentativas

de conquistar os partos fracassaram, embora ele tenha triunfado em suas investidas de “reorganizar o Oriente em possessão familiar” (p. 271).

O décimo primeiro capítulo é “The Ambivalent Model: Alexander in the Greek World between Politics and Literature (1st Century BC/ beg. 1st Century AD)”, de Federicomaria Muccioli, professor da Universidade de Bolonha. Seu objetivo é “investigar a fortuna de Alexandre do século I a.C. até o início do primeiro século d.C. no mundo grego sob domínio romano” (p. 275). Nesse cenário, a imagem de Alexandre era ambivalente: às vezes vista como libertadora dos gregos contra o poder romano, às vezes como um modelo de tirano, especialmente para escritores romanos como Cícero.

O próximo estudo, “The Latin Alexander: Constructing Roman Identity”, de Dawn L. Gilley, professor associado da Northwest Missouri State University, trata dos mesmos tópicos. O autor enfatiza o uso de Alexandre, por romanos como Tito Lívio, para discutir temas como imperialismo, embriaguez e violência (p. 310).

“Alexander the Great in Seneca’s Works and in Lucan’s *Bellum Civile*”, de Giulio Celotto, doutor pela Florida State University, lida novamente com o *topos* 'escritores latinos versus Alexandre'. A conclusão desse capítulo é a seguinte: “enquanto Sêneca aceita a instituição do império e acredita que os imperadores podem ser bons, desde que exerçam virtude, Lucano pensa que a monarquia é inerentemente uma forma perversa de governo, e que todos os imperadores, incluindo Nero, são tiranos” (p. 348).

“Plutarch’s Alexander”, de Sulochana Asirvatham, professora associada da Montclair State University, explora a biografia de Alexandre escrita por Plutarco, destacando a idealização do conquistador nesse texto. Para Asirvatham, a *Vita Alexandri* é melhor compreendida quando analisada em seu próprio contexto; portanto, a principal conclusão do capítulo é: “o Alexandre de Plutarco é o único conquistador mundial que permaneceu ‘não conquistado’ - ou seja, insuperável - até o presente trajânico” (p. 373).

A parte 2 começa com “Alexander in the Jewish tradition: From Second Temple Writings to Hebrew Alexander Romances”, escrito por Aleksandra Klęczar, professora associada da Universidade Jagiellonian. Começando com o Livro de Daniel, Os Oráculos Sibilinos e 1 Livro dos Macabeus, a imagem de Alexandre na tradição judaica ganhou um grande impulso quando, no final da Idade Média, “surgiram várias versões hebraicas do *Romance de Alexandre*” (p. 380.). A principal conclusão do capítulo é: “(...) mostrando Alexandre aceitando as Escrituras, tradições e costumes judaicos e apresentando-o como compatível com o modo de vida judaico, os autores, redatores e compositores dos textos judaicos de Alexandre o

aceitam como seu (...) e, mostrando sua importância e glória, exaltam a grandeza da cultura, sociedade e religião judaicas (p. 397).

“Jews, Samaritans and Alexander: Facts and Fictions in Jewish Stories on the Meeting of Alexander and the High Priest” é escrito por Meir Ben Shahaar, professor de história judaica na Hebrew University, e destaca o suposto encontro entre Alexandre e o sumo sacerdote, descrito em algumas fontes judaicas, como Flávio Josefo e a literatura rabínica. Em resumo, a principal contribuição de Ben Shahaar é mostrar como, na tradição judaica, Alexander pode assumir diferentes recepções.

“The Reception of Alexander the Great in Roman, Byzantine and Early Modern Egypt” tem dois autores: Agnieszka Wojciechowska (professora assistente da Universidade de Wrocław) e Krzysztof Nawotka (professor da Universidade de Wrocław). As chaves do capítulo são uma versão copta do *Romance de Alexandre* e os retratos de Alexandre encontrados no Egito. Essas fontes, assim como alguns escritores árabes, lidam com uma série de lendas envolvendo o conquistador, especialmente seu desejo de ser enterrado em Siuá. Portanto, a suposta localização da tumba de Alexandre no Egito é um tópico importante desse capítulo.

“Byzantine Views on Alexander the Great” é escrito por Corinne Jouanno, professora na University of Caen. A autora explica que as obras de Plutarco foram os textos mais conhecidos sobre Alexandre em Bizâncio. Como a reputação de Plutarco era, em primeiro lugar, a de um moralista, suas visões éticas sobre Alexandre foram mais difundidas do que sua biografia do rei macedônio. Jouanno conclui que as opiniões de Alexandre em Bizâncio foram positivas, no entanto, reservas são encontradas com mais frequência em textos eruditos, como panegíricos imperiais (p. 472).

Jaakkojuhani Peltonen, pesquisador da Universidade de Tampere, é o autor de “Church Fathers and the Reception of Alexander the Great”. O primeiro autor cristão a mencionar Alexandre é Taciano, “que liga o retrato crítico da carreira de Alexandre à crítica de Aristóteles e da filosofia ‘pagã” (p. 480). Taciano é seguido por Tertuliano, que, apesar de comparar Aristóteles e os cristãos em *modestia*, critica Alexandre por não seguir os ensinamentos do mestre (p. 483). Eusébio compara Alexandre e Constantino, criticando o macedônio (p. 487). Alguns autores cristãos, no entanto, eram favoráveis ao conquistador, como Jerônimo.

“Medieval and Renaissance Italian Receptions of the Alexander Romance Tradition” foi escrito por Barbara Blythe, professora assistente do Wheaton College. A autora afirma que a maioria das lendas de Alexandre na Itália estava relacionada a episódios do *Romance de Alexandre*, como o vôo

celestial e a descida ao fundo do mar. Essas imagens aparecem em mosaicos e fontes textuais. No entanto, os dois maiores escritores italianos do período, Dante e Petrarca, foram críticos ferozes do macedônio (p. 513).

“Syriac and Persian Versions of the Alexander Romance” é outra contribuição de Krzysztof Nawotka. O aspecto mais notável da versão siríaca, segundo Nawotka, é que o texto traz tanto referências a deuses pagãos quanto alusões ao cristianismo. As últimas palavras de Dario, por exemplo, são as mesmas usadas por Jesus em Lucas (23.46) (p. 526).

A parte 3 começa com "Alexander and Napoleon", de Agnieszka Fulińska, doutora em Literaturas Modernas na Universidade Jagiellonian. A principal contribuição do capítulo é mostrar como Napoleão tentou se apresentar como um novo Alexandre, e como o imperador francês, em suas cartas, costumava se comparar a Aníbal, César, Pirro e Alexandre (p. 577).

“The Men Who Would be Alexander: Alexander the Great and His Graeco-Bactrian Successors in the Raj” é de Rachel Mairs, professora da University of Reading, e explora a percepção de Alexandre na Índia colonial, começando com “O homem que queria ser rei”, de Kipling (1888), até aos dias de hoje, quando algumas comunidades no Afeganistão (Kalash) receberam investimentos de ONGs gregas para se apresentarem como descendentes de Alexandre, devido, segundo Mairs, a “imperativos econômicos” (p. 592).

“Receptions of Alexander in Johann Gustav Droysen”, de Josef Wiesehöfer, professor da Universidade de Kiel, é uma introdução esclarecedora à vida e às obras de Droysen, famoso por criar o conceito de helenismo. No entanto, o principal objetivo desse capítulo é mostrar como Droysen esboçou suas teses inspirado por outros autores, como John Gillies, e até Montesquieu e outros iluministas franceses (pp. 605-6).

“The Unmanly Ruler: Bagoas, Alexander’s Eunuch Lover, Mary Renault’s The Persian Boy, and Alexander Reception” foi escrito por Elizabeth Baynham, professora sênior da Universidade de Newcastle, e Terry Ryan, colega de Baynham. Os autores analisam todos os tipos de fontes sobre Bagoas, o eunuco persa que inspirou Mary Renault em seu romance histórico *O garoto persa* (1972). Além dessa questão, o estudo é proficiente em demonstrar os métodos da Renault (p. 624).

“Alexander’s Image in German, Anglo-American and French Scholarship from the Aftermath of World War I to the Cold War” foi escrito por Reinhold Bichler, professor da Universidade de Innsbruck. Lidando com uma ampla gama de cenários, Bichler destaca algumas abordagens de

Alexandre feitas por historiadores nazistas. Berve, por exemplo, elogiou Alexandre por conta de sua preocupação com a "pureza das raças" (p. 645). Schachermeyr, por outro lado, culpou o conquistador por causa de sua "degeneração do elemento nórdico" na etnicidade grega (p. 646). No Reino Unido, a interpretação mais famosa de Alexandre foi a "irmandade do homem", de W. W. Tarn, conceito criado em clara conexão com o império britânico. Finalmente, na França, a ideia de helenização foi generalizada, como mostram as obras de Jouguet (p. 666).

"Alexander as Glorious Failure: The Case of Robert Rossen's Alexander the Great (1956)", de Alastair Blanshard, professor sênior da Universidade de Sydney, tenta explicar o fracasso do filme de Rossen. A hipótese mais ambiciosa de Blanshard é que a ausência de um texto de Shakespeare sobre Alexandre, que poderia explicar o contexto do filme aos espectadores, justifica esse fracasso (p. 691).

Margaret Butler, do Ralston College, escreve "Go East, Young Man: Adventuring in the Spirit of Alexander". O capítulo trata de turistas e acadêmicos que tentam seguir as rotas da expedição de Alexandre na Ásia. O estudo dá atenção especial ao documentário "In the Footsteps of Alexander" (BBC), apresentado por Michel Wood, historiador e documentarista, que seguiu a trilha de Alexandre guiado pelos escritos de Arriano e Cúrcio (p. 707).

"The Great Misstep: Alexander the Great, Thais, and the Destruction of Persepolis", de Alex McAuley, professor da Universidade de Cardiff, analisa o papel da cortesã ateniense Thais no infame episódio da queima de Persépolis. O estudo analisa a longa duração da imagem de Thais no Ocidente, vista primeiramente como um vilã da carreira de Alexandre, até os dias atuais, quando sua imagem é usada por sites de namoro na Rússia (pp. 732-33).

"Avoiding Nation Building in Afghanistan: An Absent Insight from Alexander", escrito por Jason Warren, professor assistente no U.S. Army War College, é o capítulo mais fraco do volume. O pouco uso da bibliografia especializada - apenas seis obras são citadas - ajuda a explicar algumas interpretações questionáveis, por exemplo: "no final da década de 1970, o império soviético, herdeiro dos Romanov, talvez procurasse uma distração do domínio autocrático em casa" (p 745).

"The Artist as Art Historian: Some Modern Works on Alexander", de Ada Cohen, professora de história da arte no Dartmouth College, é um interessante ensaio sobre a recepção de Alexandre por artistas modernos, especialmente quando são analisadas as questões políticas entre a Grécia e

a Macedônia do Norte. São estudados trabalhos como os de John Steell, George Zlatanis, Nikolaus Dogoulis e Evangelos Moustakas.

“Alexander the Great Screaming Out for Hellenicity: Greek Songs and Political Dissent” é um trabalho de Guendalina Taietti, doutora na Universidade de Liverpool. O conteúdo das letras analisadas por Taietti é bastante variado, desde: “a polaridade entre os gregos culturalmente superiores e os bárbaros violentos e sem instrução, e a invencibilidade de Alexander no campo de batalha e o gosto pelo conhecimento (p. 769) até o “contraste entre a vida miserável do homem grego moderno e a força de Alexandre” (p. 797).

“The Conscience of the King: Alexander the Great and the Ancient Disabled” fecha o volume e é escrito por Alexandra Morris, graduada em museologia na New York University. Ela estuda as controvérsias em torno da sucessão de Alexander, especialmente envolvendo seu meio-irmão Arrideu. O capítulo lança luz sobre a possível doença mental de Arrideu, e como esse aspecto interfere na recepção do irmão de Alexandre no mundo ocidental (p. 841).

Dada a extensão do volume, é impossível analisar cada capítulo em detalhes. No entanto, apesar de sua extensão, a obra se ressent de estudos sobre temas como os filmes de Modi e Stone sobre Alexandre, bem como a imagem do conquistador no Alcorão. No geral, em que pese à ausência desses temas, o nível do compêndio é excelente e, a meu ver, os melhores capítulos são os de Palagia, Klęczar e Bichler. Na leitura integral ou na consulta a um estudo específico, o leitor pode fazer bom uso do trabalho.

Referências bibliográficas

MOORE, Kenneth Ryce (ed.). *Brill's Companion to the Reception of Alexander the Great*. Leiden/Boston: Brill, 2018.